

GUERRAS PÚNICAS E O COLONIALISMO DO SABER

Bernardo Araujo Belfort Bastos⁸⁴

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar as relações dos conceitos de Identidade, Multiculturalismo e Diversidade no que tange aos estudos da Antiguidade. Para não correremos o risco de cairmos, mesmo que inadvertidamente, em um anacronismo sistêmico, visto que tratar os estudos da Antiguidade com conceitos pós-coloniais não é usual, porém possível, principalmente se abordarmos a historiografia do modo como é inserida no contexto histórico, utilizaremos como marco de aproximação o uso da historiografia das Guerras Púnicas e sua relação eurocêntrica com seus filtros canônicos em contraponto aos conceitos pós-coloniais.

Palavras-chave: Pós-Colonialismo; Guerras Púnicas e Antiguidade.

ABSTRACT

This article aims to analyze the relations between the concepts of Identity, Multiculturalism and Diversity in Ancient Studies. In order not to risk falling, even inadvertently, into a systemic anachronism, since treating Ancient Studies with postcolonial concepts is unusual, but however possible, especially if we approach the historiography of the way it is inserted in the in the historical context, we will use as a framework of approximation the use of the historiography of the Punic Wars and its Eurocentric relationship with its canonical filters as opposed to the postcolonial concepts.

Keywords: Postcolonialism; Punic Wars and Ancient Studies.

⁸⁴ . Mestrando em Historia Comparada, UFRJ. Graduado em Direção Cinematográfica pela Nuova Università del Cinema e della Televisione di Roma (Partner do GEECT Groupement Européen des Écoles de Cinema et Télévision), 1997. Graduado em Licenciatura em História pela Universidade Veiga de Almeida. pós-graduação lato sensu (especialização) em Historia Antiga e Medieval, UERJ, 2020

INTRODUÇÃO

A historiografia europeia, amplamente usada nas pesquisas para entendermos as Guerras Púnicas, faz do pesquisador um mero conhecedor da visão do continente sobre o tema e, de certa forma, aprisiona-o a aceitar este como ponto de partida de tudo, fazendo da história uma mera visão ocidentalizada com fortes raízes nas ideias eurocentradas (CHAKRABARTY, 2020, p. 269).

Como nos relata Dipesh Chakrabarty⁸⁵, a supremacia da Europa, como sujeito de todas as histórias, é parte de uma patologia teórica muito mais profunda, que rege a forma como o conhecimento histórico é produzido (CHAKRABARTY, 2020. p. 250).

Não podemos continuar aceitando que somente a história europeia seja a origem e, muitas vezes, o único ponto de partida e chegada do conhecimento histórico e que a “razão”, a “ciência” e os conceitos universais do Iluminismo definam o Ocidente como detentor exclusivo de um saber histórico cujo referencial (frequentemente silencioso) seja o único norte para a produção historiográfica. Não temos que necessariamente passar pela história europeia citando seus fabulosos autores e intelectuais para que a nossa pesquisa seja considerada séria e aceita pela academia.

Estamos condenados a conhecer e usar somente a história europeia? Chakrabarty diz que no terceiro mundo estamos condenados a entender a Europa como início da modernidade, enquanto o historiador europeu não partilha da mesma responsabilidade em relação ao passado da maioria da humanidade.

O Iluminismo europeu criou a ideia de universalização da história, como se os seus princípios tivessem as mesmas categorias e fios condutores (uma lógica comum desde os antigos até os modernos) que Immanuel Kant reafirmará dizendo que ao descobrir e dominar esses fios condutores, se consegue uma aceleração para um estado cosmopolita e universal. Kant tem uma ótica universalista, observando a história sob o ponto de vista global, deixando de lado o particular (KANT, 1986, p.10-11). Essa ideia de progresso cosmopolita que não só destrói as nossas reservas naturais no sentido

⁸⁵Dipesh Chakrabarty nasceu em 1948, em Calcutá, na Índia. É um historiador indiano, lembrado principalmente por suas contribuições à teoria pós-colonial e aos estudos subalternos. Atualmente é professor de História no Lawrence A. Kimpton Distinguished Service.

material, mas destrói também nossas reservas emocionais, nos aprisionando a um suposto “esclarecimento”.

Estaríamos diante do Epistemicídio⁸⁶, ou seja, da negação e, mais ainda, da própria rejeição da produção intelectual produzida fora do ocidente e mais precisamente da Europa? Estaríamos nós condenados ao colonialismo do saber?

Apresentarei esse estudo sobre Cartago e Aníbal com enfoque nos conceitos estabelecidos pelo pós-colonialismo sobre a perspectiva das Guerras Púnicas, principalmente da 2ª guerra. A pesquisa que venho desenvolvendo no PPGHC/UFRJ analisa as Guerras Púnicas ante um olhar alternativo, isto é, sob a ótica de Cartago a partir de 3 pilares:

- Econômico - Ações de Roma contra Cartago;
- Circularidade Cultural - Ritos Fúnebres;
- Multiculturalismo - Através do Exército de Aníbal (formação de um exército multiétnico).

Para este artigo, vamos dividir o trabalho em três partes a partir de três conceitos propostos: Identidade, Diversidade e Multiculturalismo, numa visão não eurocentrada com reflexões sobre as questões da historicidade das narrativas romanas e na inconsistência ontológica da alteridade.

ANTONOMÁSIA DOS FENÍCIOS E DOS PÚNICOS

Os documentos⁸⁷e, conseqüentemente, a historiografia denominaram a batalha entre romanos e cartagineses, que durou mais de um século (265-146 a.C.), de Guerras Púnicas. Em última análise, a história da guerra é entre romanos e um inimigo, pois é observada pelo prisma grego e romano, através de relatos de autores que conheciam o resultado final da contenta (GOLDSWORTHY, 2019. P.21). Percebemos uma forte conotação preconceituosa, com uma profunda visão negativa e parcial do confronto entre cartagineses e romanos.

⁸⁶Epistemicídio é um termo cunhado pelo Professor Boaventura de Sousa Santos Catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra .

⁸⁷*Polibio e Tito Lívio.*

Os etnônimos atribuídos por romanos e gregos aos povos semitas não eram os mesmos pelos quais os próprios se identificavam. Os fenícios do oriente se autodenominavam como Cananeus (Kn`nm), povo originário da região de “Canaã. Os cananeus habitavam a costa sírio-palestina e são percebidos como semitas ocidentais construindo uma civilização urbana onde hoje localiza-se a Palestina, Israel, Líbano e parte da Síria. A arqueologia nos revela que povos da antiguidade na Idade do Bronze não se reconheciam como fenícios e sim como cananeus. Nenhum documento desse período usava o termo “fenício” (MARKOE, 2000, p.15).

O gentílico “fenício” cunhado pelos gregos entre os séculos IX e VII a.C. para definir o povo semita oriental como um todo, não tem procedência em nenhum documento conhecido, seja textual ou epigráfico (AUBET. 2006. P. 6-7; PRAG, 2006. P. 25-26). Para os cartagineses, que são o alvo da nossa pesquisa, não existe registro de uma autoidentificação de púnico, sendo esse termo um processo de construção e manipulação de identidade e alteridade (PRAG, 2006. P. 7-8). A identidade cívica para aquele que é de Cartago é ser reconhecido como cartaginês (PRAG, 2006. P. 24). Os nascidos em Sidon se reconheciam como sidônios, os de Tiro, tirenses e de Gebal, biblos. Já o termo “poenus” toma uma amplitude maior e passa a ser mais do que uma simples referência a cartaginês, aufere um significado negativo, relacionado a “enganado” (PRAG, 2006. P. 12-16). Hoje, o termo “fenício” classifica o semita que vivia na região correspondente ao atual Líbano e, por volta do século I, identifica também o semita que viveu na região mediterrânica ocidental entre os séculos VIII e VI a.C. (PRAG, 2006. P. 4), enquanto que “púnico” identifica o cartaginês ou qualquer semita que habitava a região do Mediterrâneo Ocidental a partir da metade do século VI a.C. (AUBET. 2001. P. 13), mas para Momigliano (1993. P 4-6) a imagem negativa do cartaginês não era extensiva aos gregos, nem antes e nem depois das Guerras Púnicas.



Figura 1 - o autor

ANÍBAL BARCA

Aníbal Barca, general cartaginês responsável por uma guerra sem precedentes contra os romanos, infligindo ao seu exército uma das derrotas militares mais devastadoras já registradas pela história, não possui uma identidade própria, mas uma imagem construída pelo olhar ocidental, conforme as necessidades e as circunstâncias. Nas vitórias, Aníbal é considerado um seguidor de Alexandre (o grande discípulo de Aristóteles), aquele que estabelece uma supremacia da civilização grega sobre as demais culturas. Nas derrotas, é um púnico sanguinário, que comete infanticídios e não tem religião (ou seja, não se conecta com o divino) – o que é contraditório nos documentos⁸⁸, porém só quando isso é conveniente, pois tanto a historiografia como os próprios documentos afirmam que Aníbal considerou Melqart/Hércules como seu Deus patrono pessoal em várias situações (MACDONALD, 2015, p. 64).

Essas são algumas das identidades criadas para Aníbal sob os cânones do discurso oficial romano (discurso do vencedor/ de uma história final), que a contemporaneidade acabou adotando. Basta assistir ao filme⁸⁹ de Aníbal para nos depararmos com o ator estadunidense, Victor Mature interpretando o general cartaginês com vestes romanas. É importante estarmos sempre atentos ao Poder de Construção das Narrativas que possuem a capacidade de moldar pensamentos, visto que é a maneira mais eficaz de domínio: ter a posse da história do “outro”. Segundo Edward Said: O

⁸⁸Políbio. (1.64.6). e Tito Lívio (21.21.9).

⁸⁹Aníbal o conquistador (“Annibale” título original) direção: Edgar G. Ulmer e Carlo Ludovico Bragaglia, 1959 com Victor Mature.

poder de narrar ou impedir que se formem ou surjam outras narrativas é muito importante para a cultura do imperialismo e constitui uma das principais conexões entre ambas (SAID, 2005. P.11). Poderíamos ainda usar Franz Fanon em seu livro *Peau noire, masques blancs* (Pele negra, máscara branca), que explica, parafraseando o reverso da medalha: um Aníbal interpretado com máscara negra num personagem de pele branca. Mantendo a ideia central do pensamento fanoniano, em outras palavras: por mais peles negras e menos máscaras brancas.

O cinema ocidental é uma arma poderosa de subjugação ideológica na dimensão da colonialidade do poder. Um Aníbal interpretado por um branco, não passa de uma violência culturalmente incorporada nos grandes anti-heróis ocidentais. Nada mais é do que a expressão contemporânea do colonialismo.



Figura 2 - o autor

A Preponderância Cultural enxerga a Diversidade Cultural como uma ameaça e nós propomos um olhar alternativo em oposição ao olhar de superioridade já estabelecido, que apresenta o centro do mundo catalogando seus padrões civilizatórios e a ausência da possibilidade de ver o “outro” como legítimo, e, ao não demonstrar alteridade, o resultado é a destruição desse “outro”. Não podemos temer o risco de explorar apenas o binário (toda batalha vencida por Aníbal tinha uma justificativa que desqualificava seus méritos e quando eles eram enaltecidos, serviam para valorizar a vitória final de Roma). Os binários colonizador/colonizado, ocidente/não-ocidente e dominação/resistência, são mecanismos úteis para iniciar o estudo de questões de poder, entretanto acabam limitando a pesquisa sob a forma exata pela qual o poder é difundido

e as formas como esse poder é engajado, contestado, desviado e apropriado. Então, nosso dever é romper com essa perspectiva ocidentalizada ou no mínimo questiona-la!⁹⁰

Mikhail Bakunin⁹¹ disse que o Estado não admite no interior das suas fronteiras outro Estado. Ele não admite um revolucionário com força suficiente para lhe causar medos ou arrepios. Não admite um negro, um indígena autônomo que não lhe peça bênção todos os dias (MORAES, 2005, P.5).

Um século após a destruição de Cartago, Júlio César acampou perto das ruínas da cidade durante as guerras civis. Assim, surgiu uma nova colônia romana chamada *Colonia Iulia Concordia Karthago*. A nova Cartago foi construída sobre as ruínas da antiga cidade cartaginesa e os romanos ergueram sobre seu coração a colina de Byrsa, não deixando quaisquer vestígios da cidade de Aníbal.

Sua biografia deve começar deste ponto, pois o Aníbal que conhecemos foi adaptado à narrativa da ascensão de Roma e sua grandeza. Se podemos ter certeza de alguma coisa é o que ele significava para os romanos: um general traiçoeiro, que causou a destruição de Cartago (MACDONALD, 2015, p 2). Em suma, a história foi construída para sugerir que os cartagineses recebessem o castigo pelas ações de Aníbal Barca.

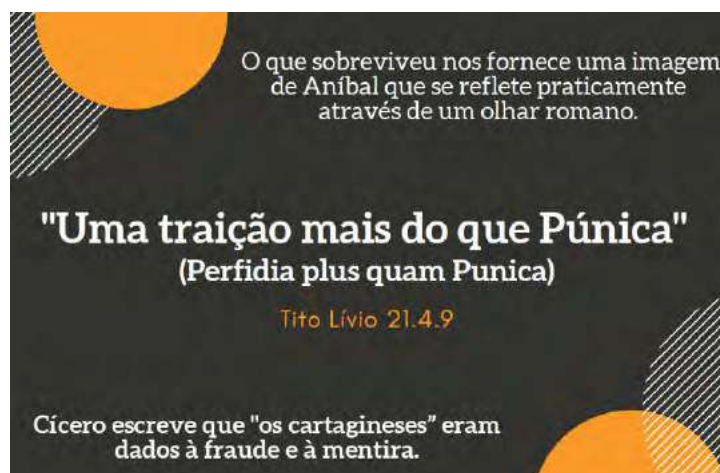


Figura 3 - o autor

⁹⁰COOPER, Frederick. Conflito e conexão: repensando a história colonial da África. “Conflict and Connection: rethinking Colonial African History”. Foi originalmente publicado em *American Historical Review*, n. 99, 1994, p. 1516-45. American Historical Association. Tradução: Dorisvelton Rosa. Revisão: Rosalia Garcia e Adriana Schmidt Dias.

⁹¹Mikhail Aleksandrovitch Bakunin, teórico político, sociólogo, filósofo e revolucionário anarquista. É considerada uma das figuras mais influentes do anarquismo e um dos principais fundadores da tradição social anarquista

Nascido em 247 a.C., em Cartago, região ao norte da África, colônia fenícia a leste do lago de Tunis, Aníbal Barca era filho de uma família da elite cartaginesa. Foi criado na Hispânia e viveu grande parte da sua vida guerreando na Itália. Educado por preceptores gregos ampliou seu vasto conhecimento, o que influenciaria sua vida. Muitos anos depois, voltaria a viver em Cartago e morreria em Bitúnia, na Prússia, em 183 a.C. por suas próprias mãos (LIVIO, 39, 51). Aníbal foi um homem do desterro.

O exército de Aníbal, uma força militar multicultural, composto por cidadãos cartagineses e, majoritariamente, por mercenários, combateu legiões romanas compostas por cidadãos e itálicos recrutados através da concessão da cidadania em formas jurídicas diferenciadas.

Um soldado em marcha, queima entre quatro mil a cinco mil calorias por dia, ou entre um quilo e um quilo e meio de comida; para um exército de cinquenta mil homens isso implicava um consumo de sessenta toneladas diárias de comida, e a força de Aníbal necessitaria de mais do dobro dessa quantidade, mas forragem para milhares de cavalos e burros de carga, o que era uma tarefa difícil. Para a marcha inicial de quatrocentos e cinquenta quilômetros até o Ebro haveria provavelmente depósitos de mantimentos, mas daí para a frente Aníbal e os amigos estariam por sua conta. Este seria o seu Rubicão. (O'CONNELL, pág 122)



Figura 4 - o autor

Como disse Cícero: “Aníbal pensava que em seu exército não deveria haver rivalidade de nascimento, mas apenas de mérito” (Verr. 2.5.31). Havia uma abordagem igualitária em relação ao seu comando militar, que valorizava o talento (e o comprometimento) em vez de apenas o status. Segundo Políbio, a genialidade de Aníbal residia em seu comando pessoal sobre uma força heterogênea de "homens que nada

tinham em comum naturalmente, mas que ele mantinha em um alto nível de funcionamento”.

Aníbal, de fato, usou a diversidade de seu exército para explorar a consistência das legiões romanas, empregando elementos de surpresa e táticas não ortodoxas para manter seu inimigo desequilibrado.

CARTAGO

O terceiro século foi um período de crescimento econômico e aumento do comércio em torno do Mediterrâneo. Foi também uma época de crescente prosperidade em Cartago. A cidade tinha uma posição privilegiada, situada no meio do Mediterrâneo, o que era, estrategicamente, um fator importante e decisivo para capitalizar o comércio de um mundo cada vez mais amplo.

Para começar o estudo sobre Cartago vamos estabelecer o conceito que utilizaremos para compreender o significado de território. Existem diversos conceitos de trabalho com suas concepções teórico-metodológicas, dando ênfase à gama de aspectos dentro do território, sejam eles econômicos, políticos, culturais ou mesmo o entrelaçamento destes fatores, para explicar o conceito e a dinâmica de um espaço que está sempre em construção. Vamos utilizar o conceito de Rogério Haesbaert que entende território como espaços de áreas de influências. Território como local de ação, de movimentos, de apropriação e não só um território demarcado geograficamente (HAESBAERT *apud* SPOSITO, 2004, p.18).

COMO FAZER UM ESTUDO SOBRE CARTAGO?

O confronto entre os documentos históricos e a arqueologia de Cartago são importantes fontes de informações para o estudo da história da antiga cidade africana. Os traços materiais descobertos nas últimas décadas em Cartago e outros sítios semitas do ocidente mediterrânico, permitem a reconstrução do desenvolvimento econômico, social, cultural e político da cidade, desde sua fundação até a destruição, em 146 a.C.

A partir dos dados arqueológicos e de referências históricas, examinaremos, pela perspectiva das representações sociais e dos processos de fixação de identidade étnica, a hegemonia cartaginesa sobre as demais comunidades semitas do Mediterrâneo Ocidental e, posteriormente, a produção de alteridades por parte dos romanos, em relação aos cartagineses. Devido às escassas informações encontradas nos documentos, que muitas vezes possuem um olhar romano disforizado, os dados arqueológicos passam a ser fundamentais para a reconstrução histórica.

RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA

Cartago era uma cidade portuária diversificada e multicultural que tinha uma estreita ligação com o Oriente Próximo⁹². A prosperidade da cidade era famosa em todo o Mediterrâneo e os navios cartagineses viajavam por toda parte. Existem evidências do guia de um explorador chamado Hanno certificando que suas viagens alcançavam muito além do Mediterrâneo - descendo a costa ocidental da África até o delta do Níger. (MACDONALD, 2015, p.08 e 13).

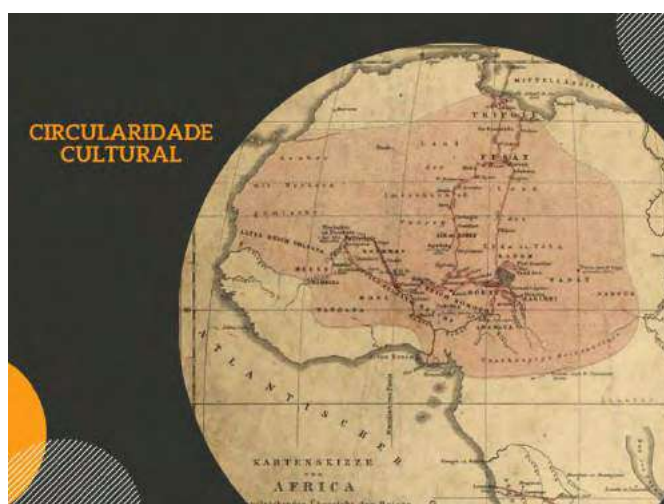


Figura 4 - o autor

Cartago possuía uma rede de comércio crescente, a razão do movimento do seu porto, destacando os diversos artefatos culturais encontrados, entre eles artefatos egípcios.

⁹²(N.A.) A autora usa o termo “Oriente Próximo” (*Near East*) que nós entendemos ser um termo eurocentrista, mas resolvemos manter o original escrito pela autora.

Nos túmulos cartagineses foram descobertas cerâmicas coríntias e atenienses, além de artefatos fenícios como os tradicionais ovos de avestruz delicadamente decorados usados como recipientes. (MACDONALD, 2015, p.13).

O Mediterrâneo se configurava como uma grande Circularidade Cultural, que segundo Ginzburgé constituída, de uma forma ou de outra, por diferenças culturais e, conseqüentemente, pela tramitação de elementos culturais comuns existentes no ambiente das diferentes classes sociais que fazem parte de qualquer sociedade.(...) Relacionamentos circulares eram feitos de influências recíprocas, que se moviam de baixo para cima, bem como de cima para baixo” (GINZBURG,1987, p.13).

Roma era, tradicionalmente, uma sociedade agrária. Cartago, apesar do estereótipo de comerciante, advindo de sua origem fenícia, estendeu sua influência para o território circundante e desenvolveu uma produção agrícola intensa desde o início de sua história. Um dos poucos documentos cartagineses que restaram é um manual de agricultura feito por Mago, que foi utilizado por Roma⁹³.

Por volta de 300 a.C. as terras aos arredores da cidade tinham se transformado numa imensa unidade de produção de comida [...] foi por isso que os romanos pensaram em conservar o texto de Mago sobre agronomia, pois compilava métodos mais desenvolvidos de transformar planta em dinheiro. (O'CONNELL, 2012, p. 85)

Foi encontrada na literatura latina, especificamente na obra do dramaturgo Plauto, uma descrição sobre o homem cartaginês. Essa peça foi escrita para os romanos no final do século III e, segundo um dos diálogos, mostra como era o entendimento de um romano sobre um cartaginês. Disse um dos personagens de Plauto: "comerciante cartaginês"(...) conhece todas as línguas; mas embora sabendo, finge que não sabe. Ele é completamente púnico” (ou seja enganador) (MACDONALD, 2015, p. 15)

É interessante ressaltar que na Antiguidade o caráter multilíngue era visto com desconfiança, contudo rebatido por Fanon que afirma que dominar a linguagem é assumir a identidade da cultura. Fanon ainda argumenta que a colonização requer mais do que a subordinação material de um povo (FANON, 2008 p.15). Ela também fornece os meios pelos quais as pessoas são capazes de se expressarem e se entenderem. O que

⁹³Passum, era um vinho feito da passa, que foi desenvolvido em Cartago e levado para Roma, onde ficou muito popular no Império Romano. Existe um fragmento de uma receita cartaginesa de Mago com uma tradução feita por Decimus Junius Silanus (século II a.C.)

ele vai chamar de Colonialismo Epistemológico.

Aprendemos com Plauto que os cartagineses da época de Aníbal eram culturalmente diferentes de seus homólogos gregos e romanos. Seu estilo de se vestir era diferente, eles furavam as orelhas, muitas vezes eram multilíngues e não comiam carne de porco (uma tradição semita).

Cartago tornou-se uma cidade monumental e multicultural no século III. Era uma cidade aberta às influências culturais e religiosas estrangeiras, possuía uma cultura vigorosa desenvolvida a partir de uma mistura de influências culturais fenícias, gregas, egípcias e da Numídia, como mostram as decorações de tumbas, arquitetura e obras de arte sobreviventes. Sua elite sabia grego e Baal Hammon era o Deus principal (CHARLES-PICARD, 1958.p.24-32).

É importante destacar que a sociedade cartaginesa se helenizou de maneira crescente, principalmente a partir da passagem entre os séculos IV e III a.C., quando se caracterizou, nas palavras de Lancel, por uma grande “mestiçagem cultural”, característica que levou Grimal a defini-la como detentora de um helenismo misto.

No apogeu dos reis helenísticos, desenvolveu-se uma era do comandante heroico. Esses célebres generais representavam o modelo de poder e “liderança heroica” que Alexandre havia personificado. As poderosas repúblicas de Cartago e Roma foram igualmente influenciadas por histórias dessas magníficas façanhas de glória militares (MACDONALD, 2015, p 27).

Anibal aprendeu a tomar decisões rápidas, como as de Alexandre, e agudas, como as de Pirro, conforme relata o professor Robert O’Connell.

Da Sicília, Sardenha até a Macedônia, começando na Hispânia e terminando na África, passando pela Itália. Um contingente de homens de diversas culturas e estados, onde todas as batalhas travadas em solo italiano foram vencidas por um general que elaborou sua estratégia em que previa todos os detalhes com uma precisão impressionante. “Causal, tático, operacional, político e até sociológico – esta era verdadeiramente a guerra de Aníbal” (O’CONNELL,2012, p 135).

Os grandes generais eram inspirados pelo divino e, assim como todo grande general, Aníbal também foi introduzido nos estudos de estratégias militares e possuía um profundo domínio na arte de comandar e liderar exércitos, técnicas aprendidas com seu pai, Amílcar Barca. Possuía um vasto conhecimento da filosofia humana, tendo

como preceptor o grego Sosilus, ampliando assim seu conhecimento cultural o que influenciaria sua vida. Aníbal, era um homem do Mediterrâneo, pluricultural, com domínio sobre a língua grega.

Era verdadeiro milagre que todos aqueles mercenários de nações e línguas diversas, que nem se podiam compreender, não se houvessem amotinado, apesar do retardamento do soldo e da falta de víveres, algumas vezes (...) seus soldados nunca atentaram contra sua vida, nem mesmo jamais cogitaram traí-lo. (PEIXOTO, 1995. P. 21)

Lançamos para o debate um olhar sobre Cartago levando em conta as estruturas sociais de uma cidade voltada para o comércio marítimo, cujas trocas comerciais promoveram o *multiculturalismo* de seu exército de mercenários. Cartago, através de seu porto, permitiu contato com novas ideias, novas estratégias de combate e nos cabe analisar os espaços plurais e de memória desses lugares silenciados na história. E porque silenciados? Talvez por fazer parte da África?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Heráclito de Éfeso (540-480 a.C.) pensava a identidade ora como pólemos, “combate de opostos”, ora como logos, “união de contrários”, em profunda e permanente mudança e transformação. É da luta entre os contrários, ou seja, do devir, do tornar-se, do vir-a-ser, que eles se harmonizam numa unidade. Roma e Cartago se coadunavam nas contradições, porque a história é um processo de construção permanente, que envolve ideologias, culturas, religiões, valores e memórias, imaginações, lutas e resistências, numa complexa rede marcada pela temporalidade e pela ação individual ou coletiva dos homens.

A história não está imune à divergências, mas deve sempre procurar eliminar explicações simplistas baseadas em relações lineares de causa e efeito. Por isso, digo que a História é ampla e não Eurocêntrica. As narrativas e a historiografia podem sim conter um projeto ocidentalista (eurocentrado) de dominação, no entanto a História está ali, muitas vezes escondida, servindo de referencial silencioso para o conhecimento histórico.

Como bem disse Michelangelo “Em cada bloco de mármore vejo uma estátua; vejo-a tão claramente como se estivesse na minha frente, moldada e perfeita na pose e no efeito. Tenho apenas de desbastar as paredes brutas que aprisionam a adorável

aparição para revelá-la a outros olhos como os meus já a veem.” Portanto a História está ali, cabe a nós estudiosos irmos em busca do elo perdido.

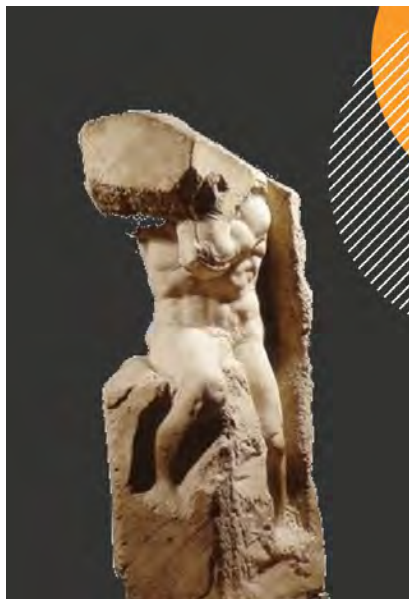


Figura 5 - o autor

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. *Documentos textuais*

POLÍBIO. História Pragmática Livros I a V - Tradução Berno Battistin Sebastiani. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

LIVIO, Tito. História de Roma - Ab urbe Condita Libri 3º e 4º volumes -Tradução Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Ed Paumape,1990.

2. *Relatos arqueológicos*

GUIRGUIS Michele. Necropoli fenicia e punica di Monte Sirai: indagni archeologiche 2005/2007

MOURA Fabricio Nascimento. Sacrificios humanos em Cartago: um diálogo com a historiografia contemporânea

RAMAZZINA Adriana A. Cerâmica púnica da necrópole de Palermo no acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia-USP - Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 20: p. 417-428, 2010.

3. *Artigos*

CHAKRABARTY, Dipesh. A pós-colonialidade e o artifício da História. *Práticas da História*, nº 11

(2020) www.praticasdahistoria.pt

MORAES, Wallace. A Necrofilia colonialistaoutrocida no Brasil. Revista Estudos Libertários (REL), UFRJ, vol.2 Nº 3; Ed especial nº1, 2020.

_____ As origens do Necro-racistas – Estados do Brasil – críticas de uma perspectiva Decolonial e Libertária. Revista Estudos Libertários (REL), UFRJ, vol.2 Nº 6; Segundo semestre de 2020/ ISSN 26760619

4. *Bibliografia geral*

AUBET, Maria Eugenia. The Phoenicians and the West. Politics, colonies, and trade. Tradução de Mary Turton. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

BAKUNIN, M. (2000). Deus e o Estado. São Paulo: Imaginário.

CHARLES-PICARD, Gilbert e Collette. A vida cotidiana em Cartago: No tempo de Anibal. Tradução Carlos Montenegro Miguel. Lisboa: Livros do Brasil Lisboa. Tradução de: La vie quotidienne a Carthage - Au temps d'Hannibal, 1958.

ECKSTEIN, Arthur M. Mediterranean Anarchy, Interstate war, and the rise of Rome. London: University of California Press, 2006.

FANON Frantz, Pele negra, máscaras brancas. Tradução de Renato da Silveira Prefácio de Lewis R. Gordon EDUFBA Salvador, 2008

GINZBURG, Carlo. O inquisidor como antropólogo: uma analogia e suas implicações. In: GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico. A micro-história e outros ensaios. Lisboa: Bertrand; Rio de Janeiro: DIFEL, 1991. p. 203-214.

HAESBAERT, Rogério. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério. Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. Expressão Popular: São Paulo, 2009.

KANT, Immanuel. Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita. Ed. Bilíngue Alemão/Português. Tradução de Rodrigo Naves e Ricardo R. Terra. São Paulo: Brasiliense, 1986

MACDONALD, Eve. Hannibal a helenitic life. USA: Taylor & Francis e-Library, 2015.

MARKOE, G. E. Phoenicians. Los Angeles, Berkeley: University of California Press, 2000.

MOMIGLIANO, Arnaldo. Alien wisdom. 5. imp. Cambridge: Cambridge University

Press, 1993

O'CONNELL, Robert. Aníbal: Cartago e o pesadelo da república romana. Tradução Dinis Pireis. 1. ed. Lisboa: Bertrand Editora, 2012.

PEIXOTO, Mario Matos. Aníbal. 1. ed. São Paulo: Paumapé, 1995.

PRAG, Jonathan R. W. Poenus plane est – but who where the ‘Punickes’? Papers of the British School at Rome. London: The British School at Rome, v. 74, p. 1-37. 2006.

SAID, Edward W. Cultura e Imperialismo. Tradução Denise Bottmann. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Tradução de: Culture and imperialism.

4. Anexo (figuras)

Figura 1- 4 - HEALY, Mark Hannibal Smashes Rome`s Army. Osprey Military, 1984. London

Figura 2 - foto <https://www.spacetrek66.com.br/dvd-anibal-o-conquistador-victor-mature/prod-2186302/>

Figura 5 - <https://www.wdl.org/pt/item/149/>

Figura 6 - <https://deniseludwig.blogspot.com/2018/12/michelangelo-parte-i-esculturas-do.html>